

# CONCEPÇÕES DE LÍNGUA NO CURRÍCULO DA AMOP: UMA ANÁLISE DAS ABORDAGENS LINGUÍSTICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

THE CONCEPTIONS OF LANGUAGE IN THE AMOP CURRICULUM: AN ANALYSIS OF LINGUISTIC APPROACHES IN ELEMENTARY EDUCATION I

Recebido em: 27/11/2024  
Aceito em 05/12/2024

Ana Paula Schmidt Nunes<sup>1</sup>  
Miriam Adalgisa Bedim Godoy<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo advém de uma pesquisa que foi desenvolvida com vistas a verificar as concepções de língua presentes no currículo da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), e objetiva-se refletir sobre a presença de abordagens linguísticas em aspecto geral e, especificamente, as relacionadas à Sociolinguística, nesse documento norteador da prática pedagógica dos professores alfabetizadores, do Ensino Fundamental I, da rede de ensino municipal de Foz do Iguaçu, Paraná. Partindo de uma revisão bibliográfica sobre a Linguística, desde as leituras de Martelotta (2008) e Fiorin (2007), com direcionamento à Sociolinguística com Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2007) e Cyranka (2013) e às concepções de linguagem conforme as disposições de Oliveira e Wilson (2013). Por fim, realizou-se uma análise documental de caráter qualitativo, buscando observar e refletir sobre as abordagens linguísticas presentes no currículo da AMOP, em especial a Sociolinguística e como a sua ausência ou a sua presença contribuem ou implicam na prática pedagógica docente, haja vista que as pesquisas em pedagogia da variação linguística têm se mostrado significativas no ensino da Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Concepções de língua. Sociolinguística. Língua Portuguesa. Variação Linguística. Práticas Pedagógicas.

## ABSTRACT

This study stems from research conducted with the aim of examining the conceptions of language present in the curriculum of the Association of Municipalities of Western Paraná (AMOP). The objective is to reflect on the presence of linguistic approaches in general, and specifically those related to Sociolinguistics, within this guiding document for the pedagogical practice of literacy teachers in Elementary Education I in the municipal school system of Foz do Iguaçu, Paraná. Starting with a bibliographical review of Linguistics, based on readings by Martelotta (2008) and Fiorin (2007), focusing on Sociolinguistics with Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2007), and Cyranka (2013), as well as conceptions of language according to Oliveira and Wilson (2013). Finally, a qualitative documentary analysis was conducted, aiming to observe and reflect on the linguistic approaches present in the AMOP curriculum, particularly Sociolinguistics, and how its absence or presence contributes to or impacts the teaching practice, given that research in the pedagogy of linguistic variation has proven significant in Portuguese Language.

**Keywords:** Conceptions of language. Sociolinguistics. Portuguese Language. Linguistic Variation. Pedagogical Practices.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia EaD da Unicentro

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia presencial e EaD da Unicentro. Doutora em Educação Especial.

## INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental I (anos iniciais), desempenha um papel importante no desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes. A linguagem é vista, não apenas como um sistema de regras gramaticais, mas também como um meio de interação social e de construção de significados. Portanto, se faz necessário refletir sobre as concepções de língua que estão presentes nos currículos que fundamentam as práticas pedagógicas.

No Brasil, o ensino de Língua Portuguesa é pautado por diferentes concepções de língua que, ao longo do tempo, têm moldado os currículos escolares. Essas concepções influenciam diretamente as práticas pedagógicas, a formação de professores e o desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes. Portanto, este estudo tem como objetivo investigar as concepções de língua presentes no currículo da AMOP para o Ensino Fundamental I, analisando como essas concepções se refletem nas orientações pedagógicas e na prática em sala de aula. Esse ensino ainda é influenciado por diferentes concepções de língua e de linguagem, seja em decorrência de rupturas e da investidura de novas tendências teóricas ou em virtude de (re)formulações norteadoras do ensino, sendo estas tanto em nível nacional como regional ou local.

A linguística é delimitada como a ciência que estuda a linguagem verbal humana, como toda ciência, se baseia em observações conduzidas através de métodos, com fundamentação em uma teoria. Cunha, Costa e Martelotta (2013), discutem sobre as principais disposições que seguem os estudos linguísticos. Eles abordam a linguística de maneira extensa, considerando os aspectos estruturais quanto funcionais da língua, e ressaltam a importância de se entender a linguagem como um fenômeno dinâmico, contextual e histórico. No que se diz respeito à concepção de língua, os autores dizem que “a linguística moderna, ao se distanciar de visões normativas e prescritivas, passa a ver a língua como um sistema em constante transformação, moldado pelo uso e pelas interações sociais”, para os autores a importância das abordagens interacionistas e sociointeracionistas que consideram a língua como um meio de construção de sentido e de interação entre os falantes.

Neste sentido, entende-se que a linguística vai além da estrutura gramatical da língua, baseiam-se na construção de significados e nas transmissões de ideologias como destaca Fiorin que “a linguística, enquanto ciência que estuda a língua, não pode se limitar ao estudo das suas formas, mas deve investigar as condições de produção dos sentidos” (Fiorin, 2002, p.17). O autor argumenta que o uso da língua está profundamente interligada ao contexto social e histórico em que está empregada e as ideologias que circulam na sociedade. O autor pontua que “a língua não é neutra; ela carrega, em suas estruturas e no modo como é utilizada, as marcas das ideologias que permeiam a sociedade” (Fiorin, 2002, p.17).

A língua pode ser expressada de várias formas, dentre elas, a oral e a escrita. A variação linguística como manifestação da língua pode ser condicionada por fatores como classe social, idade, gênero, escolaridade, situação da fala, social, dentre outros. Sendo assim, a linguística dentre outras finalidades estuda por meio da sociolinguística a variação da fala e da escrita. No Brasil, o modo como as pessoas falam, identificam-se através da oralidade do povo, com facilidade a diversidade cultural, linguística e a variação existente em nosso país.

A construção da Sociolinguística enquanto ciência foi marcada por diversos interesses dos estudiosos, que apesar de não terem um foco na língua como um fato social, sempre estavam em questionamento para a relação entre língua e sociedade. O linguista William Labov é considerado o precursor dos estudos sociolinguísticos que começou a ganhar espaço a partir do final dos anos 60. Labov debate aos estudos estruturalistas de Saussure em que contradiz que o sistema linguístico é homogêneo, linear, unitário e autônomo. Para Labov a língua é um sistema vivo e não é homogêneo, que se transforma de acordo com as mudanças na sociedade (Labov, 1994, p. 09).

Desta forma, é possível afirmar que a língua e a sociedade são duas realidades interconectadas de maneira que não podem ser concebidas uma sem a outra. “É no seio da sociedade, com suas particularidades e afinidades, que as falas fluem que a interação ocorre” (Pessoa, 2008, p. 44). A sociolinguística tem contribuído também para o âmbito de ensino, com direcionamento de propostas e pesquisas sociolinguísticas visando o aperfeiçoamento do processo educacional, tanto no ensino de língua materna, conforme Bortoni-Ricardo (2005), como no ensino de línguas.

Desse modo, para o desenvolvimento de um estudo que envolva a pedagogia da variação linguística, com vistas a trazer ganhos para os sujeitos atendidos, é importante a maneira como o professor compreende a linguagem e a língua, principalmente, a de seus estudantes. Diante disso, visando verificar quais são as concepções de língua presentes no currículo da AMOP, documento condutor da prática pedagógica do professor alfabetizador, assim como refletir sobre as demais concepções de linguagem, apresenta-se brevemente os pressupostos que as norteiam.

## **SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

A sociolinguística educacional é um campo da linguística que estuda a relação entre língua e educação, sintetizando no ensino de línguas circunstâncias socioculturais específicas e de como as variações linguísticas são desenvolvidas e tratadas na escolas. Bortoni-Ricardo (2004), destaca que é a escola que deve levar em consideração as variedades linguísticas presentes no espaço escolar como ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento, respeitando as diferentes realidades sociolinguísticas presentes em sala de aula, “a educação linguística não deve ser um processo de substituição das variedades populares pela variedade padrão, mas sim um processo de acréscimo” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 31).

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil já passou por várias fases teóricas e traz resquícios de diferentes concepções que se fazem presentes no ensino e na aprendizagem da língua, principalmente, as de natureza formalista e normativa. As tendências que versam sobre a linguagem em contexto social, ainda, surgem de maneira branda e esporádica. Bortoni-Ricardo (2009) aponta a importância do conceito de letramento crítico, apresentando que a escola seja mediadora entre o mundo sociocultural dos estudantes e a norma padrão, “o professor deve assumir o papel de facilitador, ajudando os alunos a transitar entre suas variedades linguísticas e a norma padrão de forma consciente e crítica” (Bortoni-Ricardo, 2009, p. 45).

É na concepção linguística como atividade social que está a sociolinguística educacional, pois esta trata a língua como um elemento importante no desenvolvimento do ensino e aprendizagem. É na interação que une vários aspectos, onde relaciona pessoas e

determinados grupos no processo de interpretação, em que os significados da língua são construídos. Portanto, a sociolinguística educacional preocupa-se com o desenvolvimento da linguagem no âmbito do ensino e traz consideráveis contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem de língua materna e de segunda língua.

Martins, Vieira e Tavares (2016) debatem a questão da variação linguística no ambiente educacional, ressaltando como o preconceito linguístico ainda é uma barreira relevante no processo de ensino-aprendizagem. Os autores pontuam que é fundamental que os docentes compreendam a sociolinguística e “saiba distinguir entre o erro e a variação linguística, uma vez que essa distinção é crucial para que o processo pedagógico não reproduza preconceitos” (Martins; Vieira; Tavares, 2016, p. 63). Essas práticas pedagógicas valorizam as variedades linguísticas dos estudantes e que as utilizem como recurso didático em sala de aula, ao invés de tratá-las como impedimento para práticas no processo de aprendizagem.

Desse modo, a escola não deve ser exclusivamente um lugar em que os estudantes irão adquirir, de forma sistemática, os recursos comunicativos que lhes darão acesso ao desempenho coeso e competente das práticas sociais especializadas, mas também um espaço em que se trabalhe com a diversidade linguístico-cultural, pois objetiva-se “demonstrar que a escola precisa tornar-se culturalmente sensível para lidar competentemente com a variação linguística e cultural de nossas crianças” (Bortoni-Ricardo; Dettoni, 2001, p. 102).

A contribuição desses estudos debate entre a norma-padrão e as variedades populares no ensino de língua portuguesa. Faraco (2008) destaca que “a escola, historicamente, tem operado como uma instituição que legitima a norma culta, ignorando ou mesmo desvalorizando as variedades não-padrão” (Faraco, 2008, p. 57). Esse posicionamento, segundo o autor, enfatiza o preconceito linguístico e desvaloriza o conhecimento dos estudantes, que muitas vezes isola-se do processo educativo.

O autor sugere uma abordagem mais inclusiva e dialógica, onde a norma padrão é ensinada, mas não desrespeitando outras formas de expressão linguística dos estudantes. Destacando que “a escola deve ser um espaço onde a diversidade linguística seja reconhecida e respeitada, permitindo que os alunos desenvolvam uma competência comunicativa mais ampla” (Faraco, 2008, p. 59). Sendo assim, esse é um caminho para tornar o ensino da língua mais adequado, dinâmico e eficaz. O professor deve fundamentalmente estabelecer os métodos e as melhores abordagens a serem desenvolvidas de acordo com os objetivos e o perfil dos estudantes, sempre avaliando e se adequando às necessidades de quem aprende. Dessa forma, o docente tem papel fundamental de acompanhar o ritmo da aprendizagem e atuação dos estudantes.

É essencial compreender as necessidades dos estudantes, reconhecendo o ritmo com que cada um desenvolve o seu processo de aprendizagem e avançar, tendo a precaução de não inibir a expressividade dos mesmos. Além disso, é fundamental variar as técnicas de “correção”, ao invés de olhar as inadequações como “erros”, considerá-las como tentativas de acerto e ir adaptando a sua didática à medida que observa as várias relações destes sujeitos com a linguagem. Martins, Vieira e Tavares (2016) sugerem práticas pedagógicas que incluam a variação linguística de modo produtivo no ensino da língua portuguesa.

o ensino deve explorar as variedades linguísticas dos alunos como um re-

curso didático, utilizando-as para enriquecer o processo de aprendizagem e promover uma compreensão mais profunda das normas padrão (Martins; Vieira; Tavares, 2016, p. 25).

Esta proposta ressalta a importância e a necessidade de uma capacitação adequada e enriquecedora para os docentes, para que assim possam reconhecer e tratar preconceitos linguísticos presentes no ambiente escolar de maneira crítica e construtiva. Tais abordagens não só auxiliam os estudantes a compreenderem melhor a norma padrão, mas também reforça a importância de suas próprias variedades linguísticas. Neste sentido, Bortoni-Ricardo (2009) reforça o pedido de construção de uma sociolinguística com novos instrumentos que auxiliem os professores a instigar em seus alunos habilidades cognitivas necessárias para uma aprendizagem mais efetiva, expandindo a sua competência comunicativa e a capacidade de desenvolver atividades nos âmbitos escolares no seu dia a dia.

A sociolinguística educacional, como defendem muitos autores tais como Bortoni-Ricardo, Faraco e Martins, Vieira e Tavares, apresenta-se como uma perspectiva importante para o ensino de língua em situações de diversidade sociocultural e linguística. A demanda de uma abordagem pedagógica que valorize a pluralidade linguística, evitando a exigência da norma-padrão de forma exclusiva, essas contribuições são importantes para repensar o papel da escola como espaço de inclusão e respeito as diversidades linguísticas, oferecendo um ensino mais inclusivo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho se enquadra em uma pesquisa qualitativa, de análise documental, que busca descrever, interpretar e compreender fenômenos em circunstâncias específicas dando destaque à análise profunda de caráter documental e não numéricos. O estudo contou com um levantamento bibliográfico sobre as concepções de linguagem coletadas do currículo da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), documento norteador da prática pedagógica adotada pelas escolas públicas da região Oeste do Paraná.

A análise documental, segundo Lüdke e André (1986), pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um dado tema ou problema. Portanto, a metodologia de levantamento bibliográfico consistiu na leitura e discussão dos aportes teóricos, método que permite ao pesquisador acessar “informações que não foram elaboradas para fins de pesquisa” (Lüdke; André, 1986, p. 38), porém são documentos desenvolvidos em contextos reais, como legislações, relatórios e planos de ensino, que permitem uma visão rica sobre práticas e concepções em diversas áreas.

Esse estudo de análise documental é de grande importância em pesquisas educacionais, pois permite analisar e investigar as diretrizes e os aportes teóricos que norteiam os documentos oficiais, como os currículos escolares e políticas públicas. Tais documentos concedem ao pesquisador uma análise de como certas concepções e abordagens pedagógicas são precisamente estruturadas e transmitidas. Além disso, “oferece ao pesquisador a oportunidade de examinar práticas e decisões registradas oficialmente, revelando tanto as intenções como as contradições presentes na formulação de políticas educacionais” (Lüdke; André, 1986, p. 41).

Segundo Cellard (2008), a análise documental é uma técnica qualitativa que permite o exame detalhado de documentos oficiais, possibilitando a compreensão das ideologias

e princípios que os orientam. Nesse contexto, o documento analisado foi o currículo oficial da AMOP para o Ensino Fundamental I, com foco nas seções dedicadas ao ensino de Língua Portuguesa. “A análise documental envolve a exploração de documentos escritos, permitindo identificar as concepções subjacentes e os valores que estruturam determinado discurso” (Cellard, 2008, p. 295).

Para embasar a análise das concepções de língua presentes no currículo, foi realizada uma revisão teórica abrangente sobre as principais abordagens linguísticas. Esta revisão incluiu a análise de autores como Vygotsky (1987) e Bakhtin (1986), que discutem diferentes concepções de língua desde a língua como sistema até a língua como prática social e instrumento de interação. “A revisão teórica é essencial para situar a pesquisa dentro de um campo de estudo, proporcionando uma base para a análise crítica dos dados coletados” (Gil, 2008, p. 44).

A análise qualitativa foi utilizada para interpretar os dados coletados durante a análise documental. Esse método permitiu identificar as concepções de língua mais evidentes no currículo da AMOP e compreender como elas são implementadas nas práticas pedagógicas propostas. “A análise qualitativa busca compreender fenômenos em profundidade, focando na interpretação dos significados e contextos em que os dados são produzidos” (Minayo, 2004, p. 72).

No que diz respeito à análise documental do currículo da AMOP, a mesma correspondeu, enquanto os dados registrados em uma determinada época educacional e que foi utilizado para sustentar o estudo, para comprovar a existência ou não das abordagens linguísticas e pedagógicas relacionadas à sociolinguística educacional presentes neste documento.

## **CONCEPÇÕES DE LÍNGUA NO CURRÍCULO DA AMOP**

O currículo da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP) aborda concepções de língua dispostas a uma perspectiva interacionista, centrada para o desenvolvimento da competência comunicativa e o uso da língua em diferentes contextos. O currículo escolar é um documento central que orienta as práticas pedagógicas e estabelece as diretrizes para o ensino das diferentes disciplinas. No caso da Língua Portuguesa, as concepções de língua que fundamentam o currículo desempenham um papel significativo na definição dos métodos de ensino e na formação das competências linguísticas dos alunos.

A AMOP desenvolve currículos educacionais que incorporam diversas concepções de língua, com o objetivo de formar cidadãos críticos e competentes no uso da linguagem. A primeira abordagem de concepção é que a linguagem é a expressão do pensamento que considera a linguagem como um meio de manifestar o raciocínio, permitindo ao sujeito estruturar e comunicar suas ideias. Ainda que, o currículo defenda uma visão interacionista da linguagem, ele também reconhece aspectos da tradição que relaciona língua e pensamento, pontuando o papel essencial da linguagem no desenvolvimento cognitivo e na construção do conhecimento.

Essa concepção de que a linguagem é a expressão do pensamento talvez seja relacionada ao entendimento tradicional de que a língua serve, para externalizar os processos internos de raciocínio. Neste sentido, a linguagem é vista como um meio pela qual o indivíduo expressa sua compressão do mundo e constrói significados. “A linguagem é um instrumento que possibilita ao aluno não apenas se comunicar, mas também organizar seu

pensamento e compreender de forma crítica o mundo ao seu redor” (Amop, 2015, p. 12). O currículo mesmo seguindo uma interação social, destaca a importância da linguagem como ferramenta para a organização do pensamento e para o desenvolvimento cognitivo.

De acordo com Oliveira e Wilson (2013), a linguagem serve como um reflexo do que se passa na mente do indivíduo, permitindo que o pensamento, que é algo abstrato e interno, seja transmitido e compartilhado de maneira determinada.

a concepção de linguagem como expressão de pensamento está baseada na ideia de que a língua é um instrumento que reflete o conteúdo mental do indivíduo. Assim, o processo de comunicação seria essencialmente a tradução de ideias pré-formuladas em palavras (Oliveira; Wilson, 2013, p. 45).

Sendo assim, acredita-se que há regras a serem seguidas para se alcançar a organização lógica do pensamento e, assim, da linguagem, levando aos estudos tradicionais que acreditam que as pessoas que não conseguem se expressar não pensam. Dessa forma, a linguagem teria um papel secundário em relação ao pensamento, sendo apenas um veículo para manifestar o que já foi pensado.

No currículo da AMOP, essa concepção é refletida nas orientações pedagógicas que enfatizam a importância de desenvolver nos alunos a capacidade de organizar seus pensamentos e expressá-los de forma clara e precisa. Por exemplo, atividades de redação e produção textual são estruturadas para ajudar os alunos a articular seus pensamentos de maneira lógica, com atenção à correção gramatical e à clareza do discurso (Amop, 2015, p. 35).

Esta abordagem tradicional sugere que, ao ensinar a língua, o foco deve estar na capacidade do aluno de refletir sobre seus próprios pensamentos e expressá-los adequadamente. Portanto, o ensino da Língua Portuguesa, nesse contexto, não é apenas sobre o aprendizado de regras gramaticais, mas também sobre a capacidade de articular pensamentos complexos de maneira compreensível e lógica. “A concepção de linguagem como expressão do pensamento sugere que a língua é um veículo para transmitir as ideias e sentimentos do indivíduo, permitindo que seu raciocínio seja compreendido por outros” (Auroux, 1992, p. 22).

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação é amplamente difundida nas teorias contemporâneas de ensino de língua. Ela se baseia na ideia de que a principal função da língua é mediar as interações humanas, facilitando a troca de mensagens entre as pessoas em diferentes contextos sociais. “A linguagem é entendida, nessa perspectiva, como um instrumento essencial para a comunicação entre os indivíduos, sendo através dela que as relações sociais são estabelecidas e mantidas” (Bakhtin, 1986, p. 95). A linguagem é vista não apenas como um meio de transmitir informações, mas como um mecanismo que facilita a construção de desenvolvimento de competências críticas e reflexivas.

O currículo da AMOP reflete essa concepção ao enfatizar práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos. As orientações sugerem a realização de atividades que simulem situações de comunicação real, como debates, dramatizações, discussões em grupo e a produção de textos variados. O objetivo

é fazer com que os alunos compreendam a importância da língua como ferramenta para se expressar e interagir de maneira eficaz em diferentes contextos (Amop, 2015, p. 44).

Esse enfoque pedagógico busca não apenas o ensino da língua em sua forma normativa, mas também capacitar os alunos a utilizar a língua de maneira funcional, adaptando seu uso conforme as exigências dos contextos de comunicação. As atividades propostas visam desenvolver competências como a compreensão oral, a leitura crítica, a escrita e a expressão oral, todas vistas como essenciais para a comunicação eficaz.

Sendo assim, o currículo reflete a importância da linguagem como forma de interação entre professores e estudantes, permitindo o desenvolvimento de habilidades comunicativas em diferentes dimensões, sejam elas, oral, escrita e visual. Como aponta Bakhtin (2006), “toda enunciação é uma interação verbal”, na realidade escolar esse diálogo possibilita que os estudantes se apropriem da linguagem para se envolver nas práticas sociais significativas. Desde modo, o uso crítico da linguagem busca formar cidadãos que não apenas compreendam o mundo à sua volta, mas que tenham a autonomia e sejam capazes de questioná-lo e transformá-lo. Isso se identifica com a fala de Freire (1989, p.11), que destaca “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, intensificando que a linguagem, ao ser colocada de forma reflexiva, desenvolve a emancipação dos sujeitos.

A linguagem é fundamental para o desenvolvimento das capacidades de comunicação e expressão, que essenciais para a formação dos estudantes. Como Oliveira e Wilson (2018, p. 232) destacam: “a comunicação e a expressão são habilidade centrais no processo educacional, pois permitem não apenas a troca de informações, mas também a construção de sentido e o desenvolvimento do pensamento crítico”.

Essa abordagem destaca a linguagem, como instrumento de comunicação, que vai além de uma simples difusão de mensagens, sendo também um meio para que os estudantes se expressem, e construam identidades. Portanto nesta concepção o falante tem em sua mente uma mensagem que quer transmitir ao seu ouvinte, para isso ele a coloca em codificação e a transmite para o outro através de um canal, enquanto o outro recebe os sinais codificados e os transforma em mensagens com informações.

Na concepção de linguagem como um processo de interação social é entendida não apenas como um conjunto de regras e estruturas formais, mas como uma movimentação socialmente estabelecida, em que os indivíduos desenvolvem significados e se comunicam dinamicamente no mundo. Nesse ponto de vista pontua-se na ideia de que “a linguagem é uma forma de ação social, que se desenvolve na interação entre os indivíduos” (Oliveira; Wilson, 2018, p. 236).

De acordo com essa visão, a linguagem não é apenas um sistema de regras ou um veículo para transmitir pensamentos, mas um processo dinâmico através do qual os indivíduos constroem significados conjuntamente. “Segundo a perspectiva interacionista, a língua deve ser compreendida como uma atividade dialógica, em que os sujeitos constroem e negociam significados em suas interações diárias” (Vygotsky, 1987, p. 65).

O currículo da AMOP incorpora essa concepção ao enfatizar práticas pedagógicas que envolvem a interação ativa dos alunos. As orientações curriculares sugerem o uso de metodologias que promovem o diálogo, a cooperação e o trabalho em grupo, permitindo que os alunos explorem a linguagem em situações de comunicação autêntica. Por exem-



plo, atividades como debates, rodas de conversa, dramatizações e projetos colaborativos são incentivadas como formas de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, ao mesmo tempo que reforçam a ideia de que o significado é construído coletivamente através da interação (Amop, 2015, p. 52).

Esse enfoque no processo interativo destaca a importância de preparar os alunos para utilizar a linguagem de maneira eficaz em diferentes contextos sociais, reconhecendo que a comunicação é sempre uma construção conjunta. Ao participar dessas atividades, os alunos não apenas praticam as estruturas linguísticas, mas também aprendem a adaptar sua linguagem às demandas do contexto e às expectativas dos interlocutores.

Portanto, reflete uma abordagem que valoriza a troca de experiências e a comunicação entre os estudantes, professores e toda a comunidade escolar. Ao se apropriar da linguagem como instrumento de interação social, o currículo busca apontar oportunidades para que os estudantes desenvolvam habilidade discursivas em contextos reais e diversificados, somando para a sua formação como indivíduo em sociedade.

No âmbito da sociolinguística, por exemplo, as formas da língua são vistas como portadoras de marcas resultantes da interferência de fatores sociais, como escolaridade, localidade, sexo, profissão, entre outros. Nesse tipo de abordagem entendem-se os diversos usos linguísticos como contextos reveladores da pluralidade e diversidade de lugares sociais ocupados pelos membros de uma comunidade (Oliveira; Wilson, 2013, p. 238).

Entre muitas abordagens pode-se citar os estudos variacionistas, abordagem vinculada ao funcionalismo que diz respeito às variações do uso da língua e seu ensino. Conduzindo à uma análise e observações no ensino da língua materna e seu uso:

como as gírias, os jargões profissionais, as marcas dialetais das diversas regiões brasileiras, entre outras manifestações, relacionando esses usos com os fatores sociais que cercam os grupos que assim se expressam, assume-se uma forma específica de concepção funcional de linguagem (Oliveira; Wilson, 2013, p. 238).

A percepção das variedades linguísticas, numa visão sociointeracionista, não se faz, como se observa no interior da primeira concepção de linguagem, como o que refletem o certo e errado ou o que é aceito ou não como se uma linguagem é mais rica que a outra:

Não nos esqueçamos de que, nos dias atuais, com a democratização do ensino em nível nacional, as chamadas “classes populares” têm acesso à escolarização, e esses grupos expressam-se por marcas linguísticas específicas muitas vezes distantes e distintas da chamada norma culta da língua, mas nem por isso menos eficientes ou linguisticamente inferiores (Oliveira; Wilson, 2013, p. 239).

Portanto, do ponto de vista interacionista da linguagem, a norma culta é vista como uma variante, uma possibilidade a mais de uso e não exclusivamente como o único uso linguístico correto e a única linguagem que representa uma cultura:

A partir da experiência educacional, deverão ser apresentadas as demais variantes sociolinguísticas do português, dentre as quais se destaca, como forma prestigiada de expressão, a norma culta, em sua modalidade falada

e escrita, que cabe também à escola trabalhar, considerando sempre o caráter político e ideológico que recobre essa questão (Oliveira; Wilson, 2013, p. 239).

As autoras Dias e Sturza (2017) evidenciam a importância de se ter um conhecimento mais aprofundado da abordagem sociolinguística no desenvolvimento de currículos educacionais que considerem a diversidade linguística presente nas salas de aula.

a abordagem sociolinguística é essencial para compreender as variações e os usos da linguagem em diferentes contextos sociais, permitindo que as práticas pedagógicas valorizem a pluralidade de formas de expressão dos alunos (Dias; Sturza, 2017, p. 45).

Essa contribuição da sociolinguística é de suma importância para o desenvolvimento de um aprendizado que respeita e incorpora as diferentes variações linguísticas regionais e culturais existentes no Brasil, desenvolvendo assim uma educação inclusiva e crítica. Também reforça a necessidade de que os docentes tenham uma compreensão sobre as influências sociais sobre a linguagem, para que assim possam adaptar suas práticas pedagógicas afim de acolher as particularidades dos estudantes e promover o desenvolvimento de suas competências comunicativas de maneira contextualizada.

A Sociolinguística Educacional inaugurada por Bortoni-Ricardo (2004) começa a ganhar espaço com o desenvolvimento de pesquisas que buscaram retratar o cenário bastante fiel da nossa realidade linguística, em especial na descrição do Português Brasileiro. Com os resultados dessas pesquisas e a sua divulgação para um público maior, traz a tentativa de transformar esses resultados em uma ferramenta pedagógica apta a interferir e auxiliar no desenvolvimento das práticas de educação sociolinguística, ou seja, na prática de ensinar língua portuguesa nas escolas.

Sendo assim a Sociolinguística Educacional, que está estabelecida como uma subárea da Sociolinguística, veio para “denominar todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 128). Em seu artigo Contribuições da Sociolinguística Educacional para o processo Ensino e Aprendizagem da Linguagem Bortoni-Ricardo esclarece que:

As pesquisas fundamentadas na sociolinguística educacional mostram que é possível desenvolver práticas de linguagem significativas, no sentido de incluir alunos oriundo das classes sociais menos favorecidas, fazendo com esses alunos deixem de se sentir estrangeiros em relação à língua utilizada pela escola, e com isso consigam participar de forma satisfatória das práticas sociais que demandam conhecimentos linguísticos diversos (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 01).

Portanto, os estudos sobre a importância da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa nas redes de ensino podem ajudar a acabar com o estigma de soberania que foi e ainda é colocado sobre a gramática normativa, e com isso garantir uma melhor qualidade ao ensino.

## **CONCEPÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUESA DO/NO CURRÍCULO DA AMOP**

A análise documental do currículo da AMOP revelou a presença de várias concepções de língua que orientam o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental I. Três

concepções principais foram identificadas: (1) a língua como expressão do pensamento que tem a abordagem estruturalista, (2) a língua como instrumento de comunicação que tem a abordagem sociocultural e (3) a língua como processo de interação que tem a abordagem comunicativa. Onde cada uma dessas abordagens reflete diferentes concepções sobre a língua e seu papel no processo educacional.

Os estudos e as diferentes teorias sobre o ensino de língua portuguesa ao longo dos tempos nas escolas brasileiras estão ligadas ao desenvolvimento da linguística, como sendo uma ciência que estuda a linguagem humana e que está interligada a fala e a escrita. Esses estudos da linguagem alteraram, conseqüentemente, o cenário no que se refere ao ensino de língua portuguesa. Portanto os desenvolvimentos teóricos confirma o caráter dinâmico da linguagem, uma vez que cada momento histórico e social, ela é compreendida e utilizada pelos indivíduos de forma diferenciada e com a finalidade de atender às necessidade de cada momento:

O ensino do sistema da escrita, bem como o ensino de língua, relaciona-se aos modos como o homem compreende a si mesmo, a linguagem, o universo em que se situa, e disso decorrem as diferentes concepções de linguagem, de língua, de ensino e de alfabetização que foram produzidos ao longo da história (AMOP, 2015, p.93).

A primeira análise do currículo sobre as concepções é sobre a abordagem estruturalista, que vê a língua como expressão de pensamento e que tem como foco a gramática e norma padrão como elementos centrais. Segundo o currículo “a ênfase no ensino das regras gramaticais é fundamental para garantir a correção linguística dos alunos” (Amop, 2014/2015, p. 15). Assim está abordagem está alinhada como uma visão tradicional da língua, onde o desenvolvimento do aprendizado é visto como um processo internalizado de regras e normas linguísticas.

Essa presença indica que existe uma tentativa de equilibrar várias perspectivas sobre o ensino de línguas. Entretanto, o destaque predominante na abordagem estruturalista pode reprimir a aplicabilidade das outras abordagens. Como pontua Bortoni-Ricardo (2004), “a ênfase exclusiva na norma padrão pode desconsiderar a importância das variedades linguísticas dos alunos” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 31). Transmitindo que, apesar de reconhecer a diversidade sociocultural, o documento norteador da práticas pedagógicas ainda prioriza a correção gramatical como objetivo central.

É preciso compreender as necessidades dos estudantes, reconhecendo o ritmo com que cada uma desenvolve seu processo de aprendizagem e ir avançando, tendo a precaução de não inibir a expressividade dos mesmos. Além disso é fundamental variar as técnicas de correção e ir adaptando as atividades conforme as necessidades dos estudantes.

Devemos ressaltar a importância de estabelecer uma organização para exploração das concepções de linguagem, uma vez que uma não invalida a outra, elas aparecem em domínio, e acabam sendo modificadas ou adaptadas, a partir de uma base já existente:

Compreendia-se a linguagem como dom individual (que está no indivíduo), que aprendia por maturação, e que se expressava pelos “insights” ou por “saltos”, “clics”, ou descobertas repentinas. Defendia-se a ideia de que a linguagem é produzida no interior da mente de indivíduos racionais. Logo, se o indivíduo não falava bem, era porque não pensava. Por essa

razão, passou-se a primar pela clareza e precisão dos falantes, características essas que só seriam atingidas pelo domínio de regras do bem falar e do bem escrever (Amop, 2015, p. 93).

Portanto a organização do pensamento segue as regras do bem falar e do bem escrever. Essas regras estão nas gramáticas tradicionais ou normativas, e toma como base a linguagem literária como um exemplo do “escrever bem”. “[...] o ensino de língua pautava-se na gramática normativa ou prescritiva e, em geral, distanciava-se de atividades de leitura e de produção de textos socialmente significativos” (Amop, 2015, p. 93).

O currículo da AMOP aborda a segunda concepção de linguagem como instrumento de comunicação, “na qual a língua era vista, de acordo com Geraldi (1985, p.43), como um código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem” (Amop, 2015, p.93). Embora essa visão reconheça a língua como um fenômeno social, ela negligencia o uso real da língua, os falantes e o contexto, restringindo-se apenas ao exame do funcionamento interno da língua, que se baseia nos estudos linguísticos realizados pelo Estruturalismo.

Travaglia (1997) em seus estudos afirma que os objetivos do ensino de língua portuguesa devem ser ensinar a língua e ensinar sobre a língua com o objetivo em que se busca a formação de usuários competentes da língua, isto é, que tenham competência comunicativa e em segundo ensinar a teoria gramatical ou linguística, formando analistas da língua. O trabalho com o ensino da língua portuguesa sob esse enfoque, se orienta pelo ensino instrumental da língua. Mantendo o trabalho com a gramática tradicional pelo viés normativo/descritivo.

A abordagem sociocultural que entende que a língua é um instrumento de comunicação está refletida na tentativa de descrever o ensino da língua nas realidades socioculturais dos alunos. No currículo afirma que “a língua deve ser ensinada considerando o contexto social e cultural dos alunos, promovendo o uso da língua em situações reais e significativas” (Amop, 2014/2015, p. 23). Evidenciando uma tentativa de reconhecer e valorizar as variedades linguísticas dos estudantes, ainda que, a sua aplicação possa ser limitada.

A implementação da abordagem sociocultural pode ser um desafio como aponta uma descrição superficial dessa abordagem no currículo. Martins, Vieira e Tavares (2016) destacam que “a integração efetiva da diversidade linguística no ensino requer uma formação contínua para os professores e uma revisão das práticas pedagógicas” (Martins; Vieira; Tavares, 2016, p. 13). Sugerindo que embora tenha-se uma intenção de considerar as abordagens socioculturais dos estudantes, a aplicação na prática possa ser insuficiente.

Portanto, o interesse da sociolinguística é construir novas tecnologias e métodos que ajudem os docentes a desenvolver em seus estudantes as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, a expansão da sua competência comunicativa e a capacidade de desempenhar tarefas nos âmbitos escolares em seus cotidianos.

Uma educação linguística é necessária, importante e fundamental para as pessoas viverem bem em uma sociedade e na cultura que se veicula por uma língua e configura essa língua por meio de um trabalho sócio-histórico-ideológico que estabelece tanto os recursos da língua como as regularidades a serem usadas para comunicar quanto os significados/sentidos

que cada recurso é capaz de pôr em jogo em uma interação comunicativa (Travaglia, 1997, p. 23).

A concepção de linguagem como interação define que, “os homens interagem socialmente mediados pela linguagem, ou seja, ela organiza suas relações sócio-discursivas” (Amop, 2015, p.94). Através da linguagem, o ser humano se reconhece como tal, interage e compartilha experiências, entende a realidade em que vive e seu papel como membro da sociedade.

A abordagem comunicativa que vê a língua como processo de interação tem como foco a competência comunicativa e nas interações dos indivíduos, embora que seja vista de forma secundária. No documento pontua que “o ensino deve promover a capacidade dos alunos de usar a língua de maneira eficaz em diferentes contextos de comunicação” (Amop, 2014/2015, p. 30). Pontuando uma abordagem que sugere um destaque na prática e na funcionalidade da língua, mas sem um desenvolvimento amplo dentro do currículo.

Contudo, a abordagem comunicativa embora que tenha uma menor presença, tem a possibilidade de complementar as outras abordagens, desenvolvendo a aplicação prática da língua. Faraco (2008) afirma que “a capacidade de usar a língua em contextos reais é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos” (Faraco, 2008, p. 59). A inserção desenvolvida através dessa abordagem poderia ajudar o processo de ensino ao ligar os estudantes com o uso prático da língua.

Diante disso, acredita-se que os estudos sociolinguísticos possam contribuir na construção da prática de ensino dos professores, sob uma perspectiva pedagógica sensível para com as diversidades linguísticas e de como é essencial incorporar as diferentes culturas trazidas e vivenciadas pelos estudantes, pois apenas ao acolher e integrar essa diversidade de forma funcional é que o ensino da língua portuguesa terá um impacto significativo no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As abordagens linguísticas presentes no currículo da AMOP (2015) revela uma descrença diferentes pontos de vista teóricos, com um foco predominante na abordagem estruturalista. Ao mesmo tempo em quem a tentativa de envolver a abordagem sociocultural e a comunicativa é um passo somativo, o desenvolvimento dessas abordagens sem o suporte necessário para os docentes e uma análise das práticas pedagógicas.

Acredito que para melhorar o ensino é fundamental promover um desenvolvimento entre as abordagens e estabelecer que todas essas possibilidades sejam implementadas de modo que respeite e valorize a diversidade linguística dos alunos.

O professor deve sobretudo estabelecer os métodos, as melhores abordagens a serem desenvolvidas de acordo com os objetivos e o perfil dos alunos, sempre avaliando e se adequando às necessidades de quem aprende. Sendo assim, o professor tem papel primordial de acompanhar o ritmo da aprendizagem e atuação dos alunos. Ao integrar essas concepções, o currículo da AMOP visa promover uma educação linguística abrangente, que prepare os alunos para serem comunicadores competentes e cidadãos críticos na sociedade contemporânea.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento reafirma a importância

de um ensino de língua que vai além da simples correção gramatical. Ela destaca a necessidade de capacitar os alunos para que possam não apenas pensar criticamente, mas também expressar seus pensamentos de forma clara e eficaz. Esta visão é fundamental para a formação de indivíduos capazes de se comunicar de maneira assertiva e contribuir de forma significativa para os debates sociais e culturais.

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação ressalta a importância de ensinar a língua como uma prática social essencial para a vida cotidiana. Esse enfoque ajuda os alunos a desenvolverem habilidades que são fundamentais não só no ambiente escolar, mas também em suas futuras interações pessoais e profissionais, preparando-os para participar ativamente na sociedade.

A concepção de linguagem como forma ou processo de interação sublinha a relevância de ensinar a língua como uma prática social essencial para a vida em sociedade. Essa abordagem prepara os alunos para engajarem-se de forma significativa em interações comunicativas, valorizando a cooperação, o diálogo e a construção conjunta de significados. É uma visão que vai além do domínio técnico da língua, focando no desenvolvimento de habilidades que são cruciais para a cidadania e a vida em comunidade.

Bortoni-Ricardo (2005) explica que as instituições de ensino não podem e nem devem ignorar as diferenças sociolinguísticas, uma vez que é formada por uma diversidade de culturas, línguas e costumes, mais adiante a autora reafirma e diz que “os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15), destacando aos educadores que não podemos negar esses conhecimentos aos nossos alunos.

Portanto, é necessário que os professores tenham acesso a novos conhecimentos linguísticos e a suas funcionalidades no processo de ensino-aprendizagem. Buscando resultados para auxiliar no desenvolvimento das práticas sociolinguísticas em sala de aula e para que se tenha uma maior compreensão das práticas de linguagem, para possibilitar aos alunos uma aprendizagem efetiva da língua falada e escrita, sem desvalorizar ou negar sua linguagem espontânea.

## REFERÊNCIAS

- AMOP. Departamento de Educação. **Currículo básico para escola pública municipal: Educação infantil e ensino fundamental – anos iniciais.** – Cascavel: AMOP, 2014/2015.
- AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramática.** São Paulo: Unesp, 1992.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 295-316.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1986.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo:Parábola Editorial: 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. Sociolinguística Educacional. In: **ABRALIN: 40 ANOS EM CENA.** João Pessoa: Editora Universitária. 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Contribuições da Sociolinguística Educacional para o processo Ensino e Aprendizagem da Linguagem.** Disponível em: <stellabortoni.com.br/>
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua Materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- CORREA, Djane A. Reflexões sobre política linguística e ensino de línguas: configurações de língua(gem) que orientam a formação inicial de professores. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 46 (2): p. 561-576, 2017.
- DIAS, Adriele D; STURZA, Eliana R. O saber linguístico: um olhar sobre a formação docente no curso de pedagogia da UFSM. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.20, n.2, p. 149-169, jul./dez. 2017.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FLORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística I: Objetos teóricos**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez, 1989, p. 11.
- GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W. & CITELLI, B. **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, v. 1, 1997.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LABOV, W. **The logic of nonstandard English**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1969.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Wiley-Blackwell, 1994.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTELOTTA, Mário E. **Manual de linguística**. 2. ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTINS, Marco A; VIEIRA, Silvia R; TAVARES, Maria A. Contribuições da Sociolinguística Brasileira. In: MARTINS, Marco A; VIEIRA, Silvia R; TAVARES, Maria A. (Orgs.). **Ensino de Português e sociolinguística**. 1. ed., 1ª impressão, - São Paulo: Contexto, 2016. p. 9-36.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- OLIVEIRA, Luís C; CYRANKA, Lúcia F. M. **Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua**. *Soletras*, n. 26 (jul.-dez. 2013).
- OLIVEIRA, João; WILSON, Maria. **Comunicação e Expressão na Educação Contemporânea**. São Paulo: Editora Educação, 2018.
- OLIVEIRA, M. A.; WILSON, R. **Concepções de Linguagem e Ensino: Reflexões Teóricas**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2013.
- PESSOA, Maria do Socorro. Sociolinguística Aplicada ao Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa. In: **I Simpósio Mundial de estudos de Língua Portuguesa**, 2008, São Paulo. I SIMELP - Simpósio Mundial de estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH - SP, 2008. p. 43-64.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.